

### RESUMO

O Prof. FERNANDO CASTIM do Departamento de Letras faz uma análise crítica de dois poemas de Manoel Bandeira, procurando salientar o aspecto metafórico de cada um. A metáfora poética, na sua simplicidade, atinge o nível do leitor iniciado em Teoria da Literatura.

### A METÁFORA EM DOIS POEMAS DE BANDEIRA

Prof. Fernando Castim  
Departamento de Letras  
Abril, 1976

## INTRODUÇÃO

Não é sem razão que DUBOIS vê a metáfora como "tema de congressos" devido à sua complexidade. Obras e ensaios ainda não esgotaram o assunto. Sua complexidade decorre de suas profundas ramificações com outros recursos estilísticos vizinhos como a Imagem, a Alegoria, o Símile, o Símbolo, a Metonímia, a Sinédoque. . .

Para René Wellek e Austin Warren, os termos "Imagem, Metáfora, Símbolo e Mito" interpenetram-se. Apontam semanticamente para uma mesma área de interesses. Assim se expressam textualmente os referidos autores:

"Talvez possa dizer-se que a nossa seqüência — imagem, metáfora, símbolo e mito — representa a convergência de duas linhas, ambas importantes para o estudo da poesia.

Uma é a da particularidade sensorial, ou do continuum sensorial e estético, que liga a poesia à música e à pintura e a separa da filosofia e da ciência: a outra é a "figuração" ou "tropologia" — o discurso "oblíquo", que fala por metonímias e metáforas, parcialmente comparando mundos, precisando seus temas mediante a transposição deles noutras construções idiomáticas. Estas duas linhas são marcas características, *differentiae*, da Literatura, em contraste com o discurso científico".

Mais adiante, ainda se expressam coerentemente os autores, dando-nos uma amostragem da metáfora poética, ou no dizer de CARRETER, da metáfora pura:

“... a poesia organiza uma estrutura de palavras única, irrepetível, sendo cada palavra tanto um objeto como um signo. . .”

Tomando por base o conceito e a explanação acima é que vamos considerar o problema da utilização da metáfora em dois poemas de Manuel Bandeira. E, claro, consideramos a metáfora, no nosso desprezioso trabalho, como figura que se restringe ao mundo literário, independente de qualquer outro ramo do saber humano. Tampouco interessa-nos a “metáfora lingüística” ou “metáfora fóssil” (CARRETER), prosaica, não-poética. Reportamo-nos aqui à “metáfora pura” ou “metáfora estética”. “B” em lugar de “A”. “A” é o termo metaforizado e “B” é o termo metafórico. Esse esquema de CARRETER também é aplicado por NELLY NOVAES COELHO, quando diz:

“O termo real (A) desaparece, está oculto sob o ideal (B), único a ser expresso em palavras”.

Ainda consubstanciando nosso pensamento de tratar a metáfora como figura poética (metáfora pura ou metáfora estética) é que valemo-nos dos seguintes exemplos:

“... só trovões longe, céu com pigarro”.  
(Guimarães Rosa)

“... os rios vão carregando as queixas do caminho”.  
(Raul Bopp)

“Mar, belo mar selvagem  
das nossas praias solitárias. Tigre  
a que as brisas da terra o sono embalam,  
a que o vento da terra eriça o pêlo”.  
(Vicente de Carvalho)

Comentando esse último passo de Vicente de Carvalho, a Profa. NELLY NOVAES COELHO assim se expressa:

“Tigre expressa metaforicamente a força selvagem do mar. Note-se que o poeta não disse: “o mar como um tigre”, nem

"o mar é um tigre", mas deixou que a sugestão ideal — provocada pelo termo real — dominasse sozinha, e o mar transforma-se em um tigre. . ."

Note-se que o poeta emprega "tigre" como substituto de "mar", termo substituído, ou, "mar" é o termo metaforizado e "tigre" é o termo metafórico.

GUIMARÃES ROSA, no exemplo — ". . . só trovões longe, céu com pigarro" — também deve ser interpretado segundo o esquema "termo metaforizado - termo metafórico". O "pigarro" é o signo metafórico para o pequeno barulho espaçado do trovão, que é o signo real ou metaforizado.

Concluindo esta primeira parte para uma tentativa de elucidação da metáfora nos dois poemas de M. Bandeira, aceitamos a idéia de que nem sempre podemos penetrar na "associação" entre termo metafórico e termo metaforizado ou signo real e signo metafórico. Essa dificuldade se nos apresenta quando as associações são de índole intuitiva e não, lógica.

## CONSOADA

M. Bandeira

1. Quando a Indesejada das gentes chegar
2. (Não sei se dura ou caroável),
3. Talvez eu tenha medo.
4. Talvez sorria, ou diga:  
     — Alô, iniludível.
6. O meu dia foi bom, pode a noite descer.
7. (A noite com os seus sortilégios).
8. Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
9. A mesa posta,
10. Com cada coisa em seu lugar.

No poema acima, de OPUS 10, M. Bandeira nos dá vários exemplos que se constituem no suporte do que dissemos sobre metáfora anteriormente.

No poema de M. Bandeira (Consoada), não estamos diante do impossível em matéria de "associação". É um texto plenamente metafórico, mas arquitetado ao nível do leitor, pelas suas pinceladas prosaicas e simplicidade no uso do hermetismo poético, quando trata de um tema universal, que é a morte.

Observe-se o que nos diz Emanuel de Moraes, crítico de Bandeira, sobre esse poema:

"A impressão que o poeta dá é a de haver transposto a barreira da vida. Sua intimidade com a morte atinge um estado excepcional. Aceita-a, sem desejá-la. Não há malquerenças. Diante da Morte é o sapo-cururu de sempre: incurável lírico. Tranqüilamente aguarda-a como a uma visita".

Note-se que o Poeta refere-se sempre a um par antinômico "VIDA X MORTE", a nível de qualquer leitor, utilizando metáforas, quase sempre revestidas de eufemismo.

Façam-se as seguintes observações em torno das estruturas do poema:

1. O Poeta utiliza o emblema "a Indesejada", do qual decorrem e se apóiam as outras metáforas:

EMBLEMA — a Indesejada

METÁFORAS DECORRENTES — a iniludível

— a noite com os seus  
sortilégios

METÁFORAS DECORRENTES — dia bom

(POR ANTÍTESE)

— o campo  
— a casa  
— a mesa

2. Recorre a pares antitéticos nominais:

A MORTE É: a Indesejada das gentes  
a noite com seus sortilégios

A VIDA É:    dia bom  
                   o campo  
                   a casa  
                   a mesa

3. Recorre a pares antitéticos sintagmáticos:

- Não sei se dura ou caroável
- Talvez eu tenha medo/ Talvez sorria
- O meu dia foi bom, pode a noite descer.

4. Revela seus momentos de reflexão, quando no 2º e 7º versos os põe entre parênteses, denotando a certeza do fato esperado: A MORTE.

5. Foge ao prosaico, empregando termos como "consoada, coroável, iniludível, sortilégio". Demonstra, assim, índices de culto.

6. Resume, num código hermenêutico, os enigmas VIDA e MORTE, quando utiliza o título "Consoada". Desse título (segundo a proposição de BARTHES sobre títulos) poderíamos chegar a diversos enigmas, ou a diversos graus de metáfora (segundo DUBOIS). Cremos que aquela que se apresenta mais ao nível do leitor seria a associação que o Autor faz entre a "preparação para o banquete e a preparação para a morte".

Concluimos:

Não há dúvida de que jamais pretendemos esgotar o texto de M. Bandeira, mesmo tomando por base o elemento mais importante, que é a metáfora. Foram, apenas, algumas sugestões para trabalhos posteriores. Pretendemos salientar:

1. que a metáfora do poema "Consoada" é poética, mas não de um alto grau metafórico. Exige, claro, momentos de reflexão do leitor iniciado nos estudos teóricos da Literatura;

2. que a metáfora é sugestiva devido à utilização do emblema "a Indesejada", concentrando-se nele outras metáforas;

3. que o Autor atinge o nível do leitor através da temática universal VIDA X MORTE, que é um dilema perante o qual o homem e o filósofo se defrontam. E cada vez que se aprofundam nos mistérios da existência tendem a tangenciar esses dois pólos enigmáticos do ser — VIDA X MORTE.

Num segundo estágio do nosso trabalho, vemos o poeta abolindo a metáfora individualizada, a metáfora-palavra. Procura valorizar esse poema através do diálogo e do ritmo.

## PNEUMOTÓRAX

M. Bandeira

1. Febre, hemoptise, dispnéia, e suores noturnos.
2. A vida inteira que podia ter sido e que não foi
3. Tosse, tosse, tosse.
4. Mandou chamar o médico:
5. — Diga trinta e três.
6. — Trinta e três. . . trinta e três. . . trinta e três. . .
7. — Respire.
8. — O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
9. — Então, doutor, não é possível tentar um pneumotórax?
10. — Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Façamos as seguintes observações quanto ao poema:

1. Observe-se que M. Bandeira utiliza quase sempre a função denotativa das palavras. Ao nível de leitor, "febre, hemoptise, suores noturnos, tosse, pulmão, doutor. . ." são palavras de fácil entendimento. Nenhuma possui, individualmente, sentido metafórico. No contexto, porém, são formas conotativas que nos levam à denotação "tuberculose".

2. O poema possui três segmentos temáticos:

1º segmento: do verso 1 ao verso 3

“Sintomas da doença”

2º segmento: do verso 4 ao verso 7

“Exame clínico”.

3º segmento: do verso 8 ao verso 10

“Diagnóstico e conscientização do irremediável.

3. Destacamos, no primeiro segmento, o verso 2;

“A vida inteira que podia ter sido e que não foi”

É o grande desgosto do poeta de ter tido uma vida diferente de suas aspirações de jovem. O jovem que desejava ser arquiteto e que não foi. O jovem que queria viver mais intensamente a vida, mas teve de submeter-se a tratamentos prolongados, como uma tentativa de estacionar o mal, àquela época, incurável.

4. Destacamos no 3º segmento:

4.1 O poeta que se põe em lugar do médico, sugerindo um tratamento:

“Então, doutor, não é possível tentar um pneumotórax?”.

4.2 O médico que se transforma em poeta:

“— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino”.

5. O poema se fecha com o verso “Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino”, que se nos apresenta com duas faces:

5.1 Diante do irremediável, aproveitemos a vida, antecipemos o futuro que não pode ser.

5.2 Tomando a palavra “tango” num grau metafórico, preferimos entendê-la como algo triste. O tango revela, no seu conteúdo rítmico, o trágico da vida.

**CONCLUÍMOS:**

1. O poema é de estrutura mais simples em relação ao poema "Consoada". Está arquitetado mais ao nível do leitor, exce- tuando a interpretação do verso final.

2. Recorrência ao cotidiano, com o emprego de palavras não-metaforizadas.

3. O ritmo é determinado por sons e processos sin- táticos.

4. Emprego do diálogo que se estabelece entre o poeta e o médico, levando-nos a crer que estamos diante de uma prosa poética ou de um poema em prosa. Ou seria esse um miniconto?

Tentamos analisar, portanto, dois poemas em que procuramos mostrar o valor da metáfora em M. Bandeira.

No primeiro, a metáfora poética, mas não de alto grau metafórico. No segundo, a quase ausência de metáforas, as quais se consubstanciam somente em conjuntos sintagmáticos e não em formas nominais.



BIBLIOGRAFIA



1. Bandeira, Manuel — Seleta em Prosa e Verso. Organização, Estudo e Notas de Emanuel de Moraes. Livraria José Olímpio Editora — MEC
2. Bandeira, Manuel — Poesia Completa e Prosa. Cia José Aguilar Editora.
3. Carreter, Fernando Lázaro — Dicionário de Términos Filológicos. Gredos.
4. Coelho, Nelly Novaes — Literatura e Linguagem. Livraria José Olímpio Editora.
5. Dubois, et Alii — Retórica Geral — Cultrix.
6. Kayser, Wolfgang — Análise e Interpretação da Obra Literária. Armenio Amado, Editor.
7. Massaud Moisés — Dicionário de Termos Literários. Cultrix.
8. René Wellek e Austin Waren — Teoria da Literatura. Publicações Europa América.

NOTA: Agradecemos as críticas e posterior orientação do Prof. César Giusti, a quem devemos muito na elaboração deste trabalho.

